

SABERES TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Evilania Bento da Cunha¹, Gilberto de Miranda Rocha²

¹Doutoranda PPGeo-UFPA, evilaniageo@yahoo.com.br

²Professor Doutor NUMA/ PPGeo-UFPA

Artigo recebido em 11/05/2020 e aceito em 12/05/2020

RESUMO

O presente relato trata-se do relato da mesa redonda: “Saberes Tradicionais e Educação Intercultural” realizada no I congresso Internacional sobre Povos Indígenas em Fronteiras Amazônicas: Diálogos Interdisciplinares. O evento ocorreu Cidade de Tabatinga, município do Estado do Amazonas localizado na região de tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru e discutiu a temática dos Povos Indígenas em contextos de fronteiras.

Palavras-chave: Educação Intercultural; saberes tradicionais; Amazônia

RESUMEN

Este relato es el informe de la mesa redonda: "Conocimientos tradicionales y educación intercultural" celebrada en el 1er Congreso internacional sobre pueblos indígenas en las fronteras amazónicas: Diálogos interdisciplinarios. El evento tuvo lugar en la ciudad de Tabatinga, un municipio del estado de Amazonas ubicado en la región de la triple frontera de Brasil, Colombia y Perú, y discutió el tema de los pueblos indígenas en contextos fronterizos.

Palabras clave: Educación intercultural; conocimiento tradicional; Amazonia

Este relato foi pensado e preparado para participação da mesa redonda, cujo tema é “Saberes Tradicionais e Educação Intercultural” realizada no I congresso Internacional sobre Povos Indígenas em Fronteiras Amazônicas: Diálogos Interdisciplinares.

Eu faço opção de no início da minha fala, antes de entrar propriamente no tema, fazer um pequeno preâmbulo sobre minha trajetória de vida, para que aqueles que me escutam possam entender de que lugar estou falando, de onde venho, que escolhas fiz e faço, para compreender as escolhas teóricas e metodológicas as quais adoto.

Me chamo Evilania Bento da Cunha, sou natural do Rio Grande do Norte, é perceptível pelo sotaque, e nesse sentido quero dizer que há 25 anos deixei o meu estado de origem e migrei morando em vários estados brasileiros, mas fiz questão de acentuar o meu sotaque nordestino potiguar como uma marca de identidade, para mostrar de onde eu venho, não esquecer nem negar as raízes, pelo contrário valorizá-la.

Mas essa escolha tem um propósito, a região do Nordeste brasileiro é uma região de forte migração e eu cresci vendo pessoas saírem da minha cidade indo para São Paulo e Rio de Janeiro, quando essas pessoas voltavam para visitar seus parentes eles tinham o sotaque do sudeste em pouco tempo de migração, na minha compreensão era uma forma de negação de

suas raízes, sua cultura, poderia dizer sua expressão lingüística, mas também sulinamente uma conotação de superioridade, era como se afirmasse que o sotaque regional do Sudeste fosse superior ao do Nordeste, poderia dizer que era uma postura fruto de um processo colonizador e que a mudança no acento lingüístico regional fazia parte do quanto à pessoa conseguiu se integrar à nova realidade. Ainda pequena eu dizia, eu nunca vou perder o meu sotaque se um dia eu migrar. E isso se tornou uma atitude de resistência, eu me policiava para falar com meu T e D acentuado.

Desde pequena também sou curiosa, e gostaria tinha sonhos de viajar o mundo, porque acredito que nos diferentes lugares com diferentes pessoas aprendemos o que é a vida, aprendemos a escutar e o fato de ver e observar os espaços diferentes possibilita muitas reflexões.

Minha formação acadêmica universitária se deu tardiamente por escolhas pessoais, mas num dado momento da vida comecei a questionar a minha herança genética indígena, pois sempre era questionada se era “índia” pelo fenótipo. Contudo, no Rio Grande do Norte, onde nasci não tinha nenhum povo reconhecido, embora soubéssemos do grande genocídio e fui pesquisando empiricamente, quando entrei no curso de Geografia já sabia o que estudaria para o meu trabalho de conclusão de curso e assim, dei prosseguimento nos meus estudos acadêmicos a partir das categorias de análise da Geografia e estudo de caso com povos indígenas. Na graduação estudei o conceito de território no ensino de geografia na escola indígena Tupinambá de Olivença; no mestrado estudei a ressignificação do lugar e as novas territorialidades Ka’apor e agora no doutoramento mergulho nos estudos sobre a dinâmica territorial dos Galibi Kali’na de Oiapoque.

Desde 2014 sou professora de Geografia na área de Ciências Humanas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal do Amapá no Campus de Oiapoque, que atende os indígenas do Amapá e norte do Pará: Karipunas, Galibi Marworno, Palikur, Galibi Kali’na, Wajapi, Apalai, Waiana, Tiryo, Katchuana.

Agora vou entrar no tema proposto nessa mesa que é “saberes tradicionais e educação intercultural”, pensei muito como abordar esse tema, a meu ver tem muitas nuances a serem abordadas. Daí comecei refletindo como abordar os saberes tradicionais e o que os organizadores do evento pensaram quando propuseram esse tema, daí fiz uma busca rápida sobre saber tradicional e logo me apresentou uma porção de textos sobre as ervas medicinais, sobre a biodiversidade, e sobre as leis de proteção, sobre o protocolo de consulta e assim por

diante, mas poderíamos ainda falar das águas ou das estrelas, mas não sou especialista em nenhum desses assuntos o objetivo não é apresentar os saberes tradicionais do ponto de vista Legal, e até poderia, mas não escolhi esse caminho.

Pensar os saberes tradicionais como conhecimento, é pensar os saberes construídos a partir da observação, que na maioria das vezes encontra-se na oralidade. Daí, li um texto de Laymert Garcia dos Santos publicado pelo ISA que cita um autor americano Jeremy Narby e a conclusão que esse autor chega é que “o problema não é a oposição irreductível entre um conhecimento e outro, o problema é que talvez os cientistas ainda não tenham compreendido que existem povos que não seguiram a linha ocidental e que, no entanto, não ficaram parados na história. É pretensão pensar que só nós, do Ocidente, evoluímos, progredimos e chegamos a essa fantástica ciência contemporânea e que os outros, que não escolheram essa via, ficaram parados no tempo”.

Nesse sentido o saber tradicional não precisa ser absorvido pela Academia para ter notoriedade e ser reconhecido como conhecimento, mas o que temos visto, sobretudo nos cursos de Licenciatura Intercultural são os saberes tradicionais indígenas sendo trazidos para os Trabalhos de Conclusão de Curso, não quero fazer nenhum juízo de valor, se é positivo ou negativo.

Quero apresentar para vocês quatro trabalhos que orientei e participei como membro de banca avaliadora em que os estudantes escolheram pesquisar uma temática que aborda essa questão. Selecionei dois trabalhos que participei como membro de banca de avaliação o primeiro foi de Oscar e Francinete, indígenas Galibi Marworno da Terra Indígena Uaçá que no seu TCC pesquisaram sobre o sinal: a flauta dos Galibi Marworno, um tipo de flauta específica para o ritual do Turé, o interesse dos dois pelo tema surgiu a partir de sua experiência como professores na escola indígena da comunidade, onde perceberam que esta flauta não era mais confeccionada, a sua própria confecção necessitava de um processo, ela era confeccionada de uma madeira específica, que precisava adentrar a floresta para encontrar a madeira apropriada.

Além disso, tinha um determinado tempo do ano em que a árvore estava pronta para ser cortada e depois disso seguia todos os passos para confeccionar o Sinal. Os professores perceberam que o fato de não terem mais o ritual do Turé, os jovens já não sabiam o que era o sinal e muito menos confeccioná-lo. Dessa forma, o saber tradicional entra no espaço escolar e na educação escolar indígena e na seqüência na educação intercultural, pois a técnica do

Sinal que é um saber Galibi Marworno passa a ser conhecido pelos próprios indígenas jovens que não conheciam o que era o Sinal, na medida em que esse saber foi escrito e apresentado como um produto final do conhecimento acumulado durante o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, o saber tradicional sobre o processo de fabricação desse artefato Galibi Marworno ganha lugar como um material didático dentro da escola indígena.

O outro trabalho que participei como membro de banca foi de Bruna dos Santos Almeida e Jamily Maciel Feitosa do curso de Letras/Frances, elas apresentaram como tema: Narrativas orais dos Karipuna da aldeia Manga: da comunidade para o ambiente escolar. Bruna como indígena Karipuna percebeu que as brincadeiras e rodas de conversa para contar histórias aos poucos vão sendo substituídos pelos novos artefatos tecnológicos e aos poucos as crianças vão perdendo a tradição oral. Assim, propõe uma pesquisa para saber como as histórias que eram passadas de geração a geração na oralidade entra no universo escolar e que em alguns casos as crianças tomam conhecimento dessas histórias pela primeira vez na escola, ou já tinha ouvido falar, mas não representava o seu cotidiano.

Mais uma vez, é uma pesquisa acadêmica para atestar os conhecimentos científicos na universidade que aborda a relação do saber tradicional dentro da educação escolar indígena, nesse caso é a escola devolvendo a comunidade elementos de sua cultura, as histórias orais que sustentam suas crenças e ritos.

Nesses dois exemplos vemos dois movimentos, o primeiro traz o saber tradicional da comunidade para dentro da escola para que esse possa ter continuidade nas próximas gerações. Já no segundo é a escola sistematizando um conhecimento que antes era da comunidade e devolvendo a comunidade.

Os outros dois trabalhos, foram orientados por mim, um vai na mesma linha dos anteriores, trazendo os saberes tradicionais para o universo escolar. Assim, trago o trabalho de Glaucia dos Santos que teve como tema: Memória da semana cultural na aldeia Santa Isabel de 2006 a 2016. A pesquisa de Glaucia queria verificar o impacto da Semana Cultural na vida da comunidade. O tema da Glaucia já chama atenção, por que a Semana Cultural na escola indígena da comunidade Santa Isabel no rio Curupi, é uma iniciativa da escola, o diretor Walter dos Santos sugeriu organizar uma semana de práticas pedagógicas a fim de resgatar a fabricação de artefatos que faziam parte da cultura, isso por que ele percebeu que as crianças e jovens não sabiam mais fazer artesanato, não conheciam as histórias contadas nos mutirões

dentre outros tópicos. A escola devolveu as famílias o conhecimento sobre os artefatos e o orgulho de confeccionar, usar e comercializar seus artesanatos.

O último trabalho que selecionei foi o de Claudia Renata Lod Moraes, a pesquisa de Claudia Renata é diferente das anteriores, no sentido que não partiu da escola e também a princípio não pretendia se voltar para escola. O tema é: A transição de menina para mulher e a menstruação como rito de passagem da menina entre os GALIBI KALI'NA. Selecionei esse trabalho pela importância do saber tradicional contido dentro desse ritual, as meninas moças aprendem a manusear o algodão e o produto final é a rede tipicamente KALI'NA, mas durante o ritual existe um processo de preparação em que a menina aprende histórias permeadas de valores de seu povo.

O curso de Licenciatura Intercultural permite que os indígenas em contato com povos diferentes possam olhar para o seu próprio povo e eleger aspectos que desejam estudar, no caso de Renata ela escolheu fazer uma pesquisa sobre um rito que ela havia começado, mas foi interrompido quando precisou ir morar na cidade para estudar, uma vez que na comunidade não ofertava o grau de ensino.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Saber Tradicional x Saber Científico**. In: Povos Indígenas no Brasil 2001 a 2005 - ISA. Acesso em 30 de setembro 2018.